

DERRUBADA EM QUEDA

O carpinteiro Francisco Castro, 29 anos, ganhou Cr\$ 15 mil por dia para trabalhar nas obras da conferência: "Não é nada ecológico descarregar mais de 200 caminhões de madeira para um evento sobre meio ambiente", ataca ele. O ritmo da derrubada de árvores, porém, diminuiu e atinge por ano 0,33% da Amazônia

da Silva Castro, 29 anos, usou nas obras que construiu na Rio 92 não venha da Amazônia. "Mas não é nada ecológico descarregar mais de 200 caminhões de madeira para uma conferência sobre meio ambiente", ironiza ele, que recebe Cr\$ 15 mil por dia pelo serviço. A preocupação internacional com a Amazônia talvez leve alguns militantes verdes xiitas ao exagero de investigar a origem da madeira utilizada no Riocentro. A Amazônia Legal tem 400 milhões de hectares, uma área maior que toda a Europa. Cerca de 30 milhões foram devastados graças aos programas de povoamento do governo federal. Somente na década de 70, 800 mil agricultores do sul do País foram para a região. Sem assistência, abandonaram os campos inférteis e se atiraram ao garimpo. Do tamanho da Bélgica, o Estado de Rondônia acabou sendo o mais atingido, com 12% de sua área devastada.

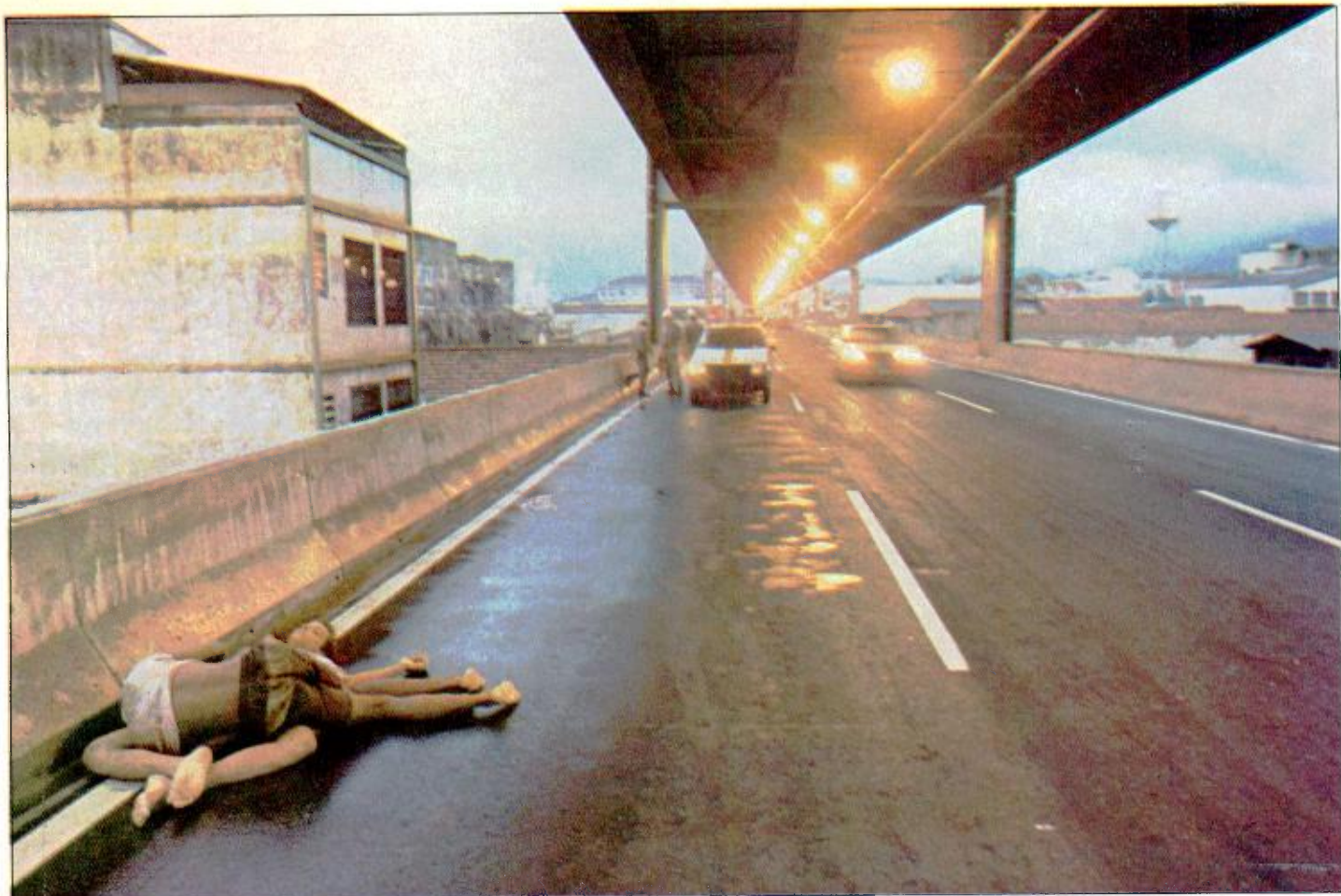
Hoje, com o ritmo do desmatamento reduzido a 0,33% da região por ano, o maior perigo é a poluição dos rios, provocada pelo mercúrio pesado, ilegalmente utilizado nos garimpos de ouro. Apenas em 1989, foram despejadas 210 toneladas desse produto químico no ambiente. O rio Madeira, entre Porto Velho e Guajará Mirim, sofreu as consequências das oito toneladas de mercúrio derramadas: 70% dos peixes retirados dele e comercializados no mercado da

capital de Rondônia estavam contaminados. Mesmo com o fechamento de Serra Pelada, em fevereiro de 1992, o Departamento Nacional de Produção Mineral estima que ainda estejam em atividade cerca de 400 mil garimpeiros na Amazônia. Antes disso, só em Serra Pelada chegou a haver quase 1 milhão de aventureiros. De lá o governo estima que saíram 150 toneladas de ouro, mas os geólogos acreditam que esse número é só 20% do que foi extraído – os outros 80%, cerca de 600 toneladas, acabaram contrabandeadas.

Embora ainda haja muito a ser feito, os atuais problemas ecológicos brasileiros perdem em magnitude para os do passado. O carpinteiro Castro tem consciência de que essa discussão é importante, mas acha que o Brasil não deveria sediar a Eco 92. "Daria para resolver tudo sem o encontro", garante ele, mais preocupado com as dificuldades econômicas do governo para pagar, por exemplo, "aposentadorias como as de meu pai Gilberto". "O País tem mais com que se preocupar, o salário mínimo ainda é de fome", diz o carpinteiro.

Participaram desta matéria: Denise Assis, Denise Silveira, Gabriel Pillar Grossi, Jacqueline Breitingner, Malu Oliveira e Ricardo Lessa, do Rio de Janeiro; Álvaro Almeida, Lina de Albuquerque e Valéria França, de São Paulo





WILLIAM DE MOURA/AG. O GLOBO

Desova na Linha Vermelha: as comitivas dos chefes de Estado passarão por ela, mas na parte de cima

O preço da conferência

A Rio 92 promete transtornos e festa – talvez, resultados



Absolutamente todos os espaços disponíveis para reuniões, conferências e afins estarão ocupados no Rio de Janeiro até o próximo dia 14 de junho. Nenhum esforço foi poupado para fazer da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Eco 92, um grande sucesso de público e crítica. Houve um trabalho intensivo que gastou três anos e mais de US\$ 1,2 bilhão para reurbanizar praças e ruas, acabar com a poluição no túnel Santa Bárbara, construir a Linha Vermelha e, o mais importante, reformar os três pavilhões do Riocentro, onde será realizada a parte oficial da conferência. Para arrumar os seus 72 mil metros quadrados desenrolaram-se 130 quilômetros de cabos elétricos e tiveram de ser usados 43,4 mil metros quadrados de carpetes, 19 mil metros quadrados de divisórias de fibrocimento – uma fibra à base de amianto – e outros 20 mil metros quadrados de divisórias de madeira.

Dois supercomputadores ligados a 48 micros armazenarão todas as informações relativas à Rio 92 – desde dados sobre as

delegações estrangeiras até a situação do trânsito na cidade. Apesar disso, o papel não foi dispensado. Só a Xerox calcula que vai fazer mais de 6 milhões de cópias de documentos – uma quantidade de que exige o corte de pelo menos 400 eucaliptos. Dentro dos pavilhões foram colocadas 42 unidades de ar-condicionado, 2,4 mil mesas, 10 mil cadeiras, 600 armários e 5 mil telefones. De acordo com a média nacional, esse número de aparelhos telefônicos é um privilégio que apenas as cidades com mais de 80 mil habitantes têm no Brasil. Tudo para que os 15 mil participantes esperados para a conferência possam debater as grandes questões ecológicas que afligem a humanidade.

A maior parte dos temas esteve presente em acalorados debates nas quatro reuniões preparatórias (Prepcoms) realizadas em Nova York. Mas a partir do momento em que o empresário canadense Maurice Strong abriu a Eco 92, na quarta-feira, 3, a polêmica vai ser a regra. “Uma conferência internacional como essa é sempre um momento de busca do possível, do realizável”, afirma o ministro Flávio Perri, secretário do Grupo de Trabalho Nacional (GTN), responsável pela organização. “Ela nunca vai ser um estrondoso sucesso, mas tampouco um redondo fracasso”, pondera ele. Muitos duvidam dessa posição. “Em busca do consenso, vários documentos foram sendo podados e o resultado é extremamente geral e abstrato”, rebate Liszt Vieira, representante das ONGs brasileiras nos Prepcoms.

As ONGs, aliás, são a principal novidade desta segunda conferência promovida pela ONU (a primeira deu-se em Estocolmo, na Suécia, há 20 anos). Estão reservados 200 lugares no plenário para os observadores não-governamentais. Eles não terão direito a voz nem a voto. Poderão, no entanto, circular livremente e fazer muito lobby junto aos delegados oficiais – representantes de mais de 150